



COLÓQUIO/Letras

ISSN: 0010-1451 - Página principal / Homepage: <https://coloquio.gulbenkian.pt>

António Madeira: O Barão, Editorial Inquérito (capa)

Para citar este documento / To cite this document:

"António Madeira: O Barão, Editorial Inquérito (capa)", *Colóquio/Letras*, n.º 159/160, Jan. 2002, p. 182.

EDIÇÃO E PROPRIEDADE

bem-amada, D. Ramon entrega-se ao seu sonambulismo de poeta, vagueia durante a noite por vielas e tabernas, cai ao rio, regressa completamente ébrio a casa — onde a mulher e a outra filha se riem da sua degradação — e acaba por se refugiar no aconchego da cama, num definitivo gesto de renúncia e de apaziguamento.

O segundo, de ambiência rural e de recorte aquililiano, centra-se numa superstição das gentes serranas, projectando-a todavia para lá do mero pitoresco:

O Lobo Branco era o fantasma de toda a serra. Diziam que quem o via ficava possesso do espírito mau. E quando o julgavam desaparecido, lá voltava como um grande cão manso de que os homens fugiam.¹⁷

As caçadas de António Roque, estudante em férias, o incêndio na serra combatido por uma «patuleia» de aldeãos, a perseguição aos lobos, durante a qual o protagonista dá de caras com a fera albina e falha o tiro, são os episódios que dão suporte diegético ao conto; mas o «lobo branco», cuja maldição acaba por recair também sobre o protagonista — mau grado a condição de homem esclarecido a quem revolta a crença dos conterrâneos — e o criado que lhe aparelha o cavalo, é um símbolo das forças maléficas que nenhum racionalismo consegue travar.

4

A novela *O Barão* (1942) é a obra de consagração de Branquinho da Fonseca, e um caso singular da ficção portuguesa do século xx. A quantidade e diversidade

de leituras que tem suscitado são bem a prova de como, na sua ambiguidade, o texto se furta ao cerco hermenêutico. Entre essas muitas tentativas de decifração, destacam-se as de José Régio, que centrou a sua atenção no modo como se conjugam três elementos na tessitura da novela, o realista, o fantástico ou grotesco, e o lírico¹⁸; de Alexandre Pinheiro Torres, que nela encontrou o retrato duma sociedade arcaizante e fechada¹⁹; de António Quadros, que viu na novela uma alegoria do ser português, e no Barão «uma figura extraordinariamente vigorosa, uma natureza riquíssima, desviada, no entanto, de uma vocação e de um destino, por *falta de objecto* e por falta de estímulo adequado para as suas faculdades latentes»²⁰; de David Mourão-Ferreira, uma das

mais finas análises da obra, detendo-se em especial nos seus aspectos compositivos e focando o lado mítico do herói e da fábula²¹; de Óscar Lopes, que sublinha na novela a lição brandoniana, «pela sua fusão de idealidade e grotesco (melhor: pela irrupção de idealidade dentro das circunstâncias do maior grotesco), e ainda pelo tema da incomensurabilidade entre a vida e o sonho»²²; de Álvaro Pina, que refere *O Barão* como «uma novela sobre a necessidade social e artística do realismo» (e não apenas realista), e aponta as estratégias narrativas que no seu modo de ver concorrem para esse fim, nomeadamente a interacção das personagens principais²³; de

